

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 12

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS

Data de submissão: 10/12/2020

Data de aceite: 21/12/2020

Ana Carla de Azevedo Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mossoró/RN
<http://lattes.cnpq.br/6651559471062609>

Verônica Maria de Araújo Pontes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mossoró/RN
<http://lattes.cnpq.br/5868116609416027>

RESUMO: Como professores e apreciadores da palavra como arte, podemos perceber constantemente que os alunos saem do ensino básico sem um mínimo de conhecimento sobre o texto poético. Dados esses que são confirmados a partir dos índices das pesquisas realizadas nas diversas séries do ensino brasileiro. A situação nas escolas do Rio Grande do Norte não fica aquém desses índices e se mostra preocupante em uma sociedade que quer vencer os seus baixos índices de leitura. Dessa forma, em nossa pesquisa inicialmente traçaremos o perfil leitor dos nossos alunos em relação à leitura e à poesia. Tomaremos por base autores como Averbuck (1985), Pontes (2012, 2013),

Azevedo (2004, 2006), Pinheiro (2002), Sorrenti (2013). Por fim realizaremos uma intervenção em sala de aula do ensino fundamental com a obra de Manuel de Barros como material poético autêntico repleto de imagens simbólicas possíveis ao universo do aluno. A esse material poético daríamos o direito à fruição através da experiência de reinvenção que parte do texto e não só o trato didático previsto em sala. O teor autêntico da poesia barrensense fica a cargo da polissemia da palavra, das imagens e da realidade, criações que dialogam fundamentalmente com a fase infantil, não só numa abordagem leitora, mas também de desenvolvimento do próprio indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Texto Literário, Espaço Escolar, Manoel de Barros.

ABSTRACT: As teachers and lovers of the word as art, we can see that the students leave the school without a minimum of knowledge about the poetic text. These data are confirmed from the indices of the researches carried out in the various series of Brazilian education. The situation in schools in Rio Grande do Norte does not fall short of these rates and is worrying in a society that wants to beat its low reading rates. Thus, in our research we will initially trace the reading

profile of our students in relation to reading and poetry. We will take as a basis authors such Averbuck (1985), Pontes (2012, 2013), Azevedo (2004, 2006), Pinheiro (2002), Sorrenti (2013). Finally, we will carry out an intervention in the elementary school classroom with the work of Manuel de Barros as authentic poetic material filled with possible symbolic images to the student's universe. To this poetic material we would give the right to enjoyment through the reinvention experience that starts from the text and not only the didactic treatment provided in the classroom. The authentic tenor of Barrense's poetry is in charge of the polysemy of words, images and reality, creations that dialogue fundamentally with the childhood phase, not only in a reading approach, but also in the development of the individual himself.

KEYWORDS: Literary text. School Space. Manoel de Barros.

1 INTRODUÇÃO

Formação de leitores e mediação de leitura são os focos deste trabalho. A bem da verdade, esse tema justifica as nossas reflexões diárias sobre a importância que o texto literário pode ter em sala de aula e até na vida de crianças e jovens. Ele instiga a nossa prática docente permitindo-nos traçar estratégias, ferramentas, métodos que nos auxilie a transformar/aperfeiçoar as nossas aprendizagens e a dos nossos alunos.

Percebemos que os alunos têm muita dificuldade com a leitura e escrita de textos, principalmente em relação ao texto poético. Consideraram esses textos difíceis de compreender e por isso não o apreciam, em consequência disso o professor não se interessa em levar esse material para a sala de aula porque o aluno não gosta. Dessa forma, o trabalho com o texto poético, então, fica restrito a aulas de gramática e interpretação textual.

Entendendo o texto poético/literário como o maior acervo linguístico, histórico, cultural, humano, por carregar em si a possibilidade da criação e da resignificação do próprio ser é que sentimos a necessidade de apresentar esse texto em sala de aula de modo a despertar o interesse e a motivação do aluno, o que caracteriza nossos objetivos específicos a serem atingidos, instigá-los a esse envolvimento com a leitura. Não uma leitura robotizada, mas uma leitura sensível, motivadora, fomentadora, que ilumine escuros e almas.

Corroborando com esse pensar, Pontes *et al* (2013, p. 27) afirma que

A ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca, o que não é uma ação mecânica, nem muito menos estática, mas uma atividade em que se admitem as várias interpretações, o desvendar dos significados omitidos no texto, a busca da consciência do ser no mundo, estabelecendo assim uma relação ampla com o texto e uma ação mediadora entre o ser humano e o contexto em que está inserido, possibilitando uma compreensão do passado e a criação de expectativas em torno do que deseja para o futuro.

A leitura literária é um processo que compartilha vivências, sonhos, medos, alegrias, realizações. A partir do envolvimento com o reduto da palavra escrita o indivíduo se permite o voo, o entregar-se ao deleite de construir seus próprios mundos a tanto velados, e morar neles.

Guiados, então, por essas constatações abordamos em nossa pesquisa a formação do leitor a partir do texto literário, mais especificamente com a poesia de Manoel de Barros, escolhida por ser uma poética que joga com a palavra, que “desregula” o verbo, que faz a gramática desconcertar-se e inspira, a partir disso, leveza, beleza e emoção, aspectos imprescindíveis para se apreciar o texto poético/literário.

Os sujeitos participantes foram os alunos dos 6º anos do ensino fundamental II, num total de 58 alunos, de uma escola pública da cidade de Mossoró/RN escolhida por ser o contexto em que trabalhamos e pela proposta de atuação e modificação direta na prática dos alunos/professores envolvidos, o que caracteriza nossa pesquisa como pesquisa-ação.

2 A LEITURA LITERÁRIA E A SALA DE AULA

O texto literário é um arcabouço de criações e nos toca em sentimentos e emoções, então nada melhor do que apresentar esse material poético em um dos lugares onde a criança passa mais tempo (se contarmos que são 4 horas ininterruptas): a escola. “O livro de literatura é um objeto de arte com características particulares oriundas de uma experiência criadora. [...] e o professor (enquanto escola) é o intérprete dessa fala reveladora da literatura ao desvelar os múltiplos caminhos da leitura”. (MIGUEZ, 2010, P. 15 *Grifos nossos*).

É interessante perceber que, de fato, a ferramenta mais vantajosa e eficiente do ensino, sem dúvida, é a leitura. E a que mais deve provocar prazer é a leitura literária porque ativa em nós duplos aspectos: externos quando aguça os nossos sentidos (visão, tato, olfato etc), que são os referenciais mais elementares do ato de ler, numa visão intuitiva e sensorial do objeto estético, e internos, pois lá ela toma forma, vulcaniza paixões, liberta as sensações, inquieta a alma. Sem contar que cada mergulho nesse “país das maravilhas” faz emergir um novo ser leitor, um ser que se recria, se renova, se veste de novas lentes para “ver, desver e transver” o mundo.

Uma experiência de leitura sempre soma-se a outras que o indivíduo leva consigo num continuum investigar sobre o mundo, na descoberta das possibilidades a partir da inauguralidade de um novo pensar. Entretanto, o adentrar às portas do mundo literário requer uma instrução, uma preparação para que o jogo linguístico faça sentido ao final da leitura e a prática comunicativa seja realizada. Compartilhando desse pensamento Azevedo (2006, p. 03) afirma que

educar para a literacia corresponde, pois, a estimular nos alunos o desenvolvimento de competências que lhes possibilitem a aprendizagem do saber-agir na língua e pela língua e que lhes permitam, em função dos contextos de uso e dos objectivos perlocutivos que pretendam suscitar, construir textos discursivamente adequados às múltiplas finalidades específicas dos jogos de atuação comunicativa nas quais eles se movimentam e intervêm”.

O que temos constatado em sala de aula é que muitos alunos até conseguem um desempenho razoável na leitura e compreensão de textos, desempenhando com clareza estratégias de leitura como antecipações e inferências, entretanto na aprendizagem da leitura não basta ler-compreender, a criança tem que ser capaz de interagir com o enunciado, pronunciando sua apreciação de agrado ou não, de desacordo ou não com o que está sendo posto. Afinal, ler é um constante diálogo.

Mais do que um prazer estético, a obra literária emerge do constructo social, é sua forma de resistência, sua maneira de desviar-se, de enfrentar a parcimônia moral, de desatar nós (e atar outros), através do alvorecer dos sentidos, do avivamento do pensamento, do deslindar da experiência uníssona, absoluta, unilateral. A obra literária emerge do seio da sociedade para fazer-se homem, menino, velho, pássaro, aquele que infere, que fere, que narra; para fazer-se leitor, permitindo suas identidades. Mas “as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. (PCNs, 1998, p. 29)

Então, a leitura literária há que ser descoberta pelo prazer, e não pela obrigação, dever ou imposição. Azevedo (2004, p. 39) coaduna com esse pensamento quando diz que “para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”. Esse fato deve ser tido como norteador, principalmente nos primeiros anos escolares da criança.

No ambiente da escola, é preciso urgência para que o aluno também atine pra esse fato, de que a ficcionalidade do texto literário é a realização dos mundos ausentes em nós. E quem é que não quer preencher seus vazios? O aluno tem que ser seduzido para esses mundos, então, encantado, embriagado, embevecido, aprendendo assim a ver o espaço do outro, da diversidade, do eclético, de outras culturas de modo a compartilhar todo o seu conhecimento.

3 LUGAR DE POESIA É NA ESCOLA

A sala de aula deve ser vista como terreno da criatividade, da ludicidade, do jogo, sem perder, claro, os objetivos e a possibilidade de se chegar à informação e ao conhecimento. O aprendizado acontece porque o aluno se importa com o conteúdo e

faz sentido em seu universo apoderar-se do que se está sendo abordado. É um novo olhar sobre a funcionalidade da linguagem, do dito e do não-dito no poema, “sendo mais importante o exercício de dizer, ouvir e vivenciar os poemas” Sorrenti (2013, p. 58)

Dessa forma, o texto poético faz a regulação e a manutenção das estratégias cognitivas que os alunos desenvolvem quando instigados à leitura, pelo seu ritmo, pela sua musicalidade, pelas imagens poéticas que toca especificamente ao texto poético, preservando a autonomia, tanto do leitor, quanto do texto. Ativa as estruturas da linguagem enquanto matéria de comunicação permitindo sua reestruturação enquanto dialógica.

Debatendo sobre esse assunto, Averbuck (1985, p. 68-69) afirma que

a poesia pode desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possibilitar a criança o falar e o conhecimento do próprio “eu”, ela auxilia a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável, funcionando como antídoto em uma civilização urbana e técnica. O desenvolvimento do gosto da beleza, de um gosto pelo ritmo, e o jogo da linguagem asseguram, assim, seu domínio e levam à consciência ao mesmo tempo liberadora e lúdica da linguagem, à descoberta da níveis da língua e do real.

A poesia age como um mecanismo de defesa intelectual, reforçando o domínio sobre a criatividade, a leitura imagética, a expressão, sobre os arquétipos do real, e num plano linguístico, principalmente sobre a linguagem oral e escrita. É o meio mais eficaz de demonstrar para o aluno/leitor outra forma de olhar, de ouvir, de experimentar, de degustar um texto, de torná-lo significativo.

Para isso, é imprescindível que o professor detenha o conhecimento sobre e como experienciar esse gênero com os alunos, pois ele pode ser capaz de dizer uma lista interminável de obras e mesmo assim não encantar o discípulo. Pontes (2012, p. 20) assegura que “os espaços de leitura se fazem dinâmicos e possíveis com a atuação dos professores, pois são os verdadeiros responsáveis pela leitura e desenvolvimento dela na escola, e certamente responsáveis também pela formação do leitor”.

No entanto, somos carentes de experiências significativas com o texto poético em sala de aula. A criança/adolescente precisa ser instigado a esse tipo de texto, ser encorajado a apreciá-lo e daí deparar-se com sua essência. Se não conseguimos inferir um sentido ao texto maior que o próprio texto ou como catalisador dos nossos próprios anseios, então não vemos motivação para nos aproximarmos dele.

O texto literário é ponto de encontro entre sujeitos, entre saberes, entre culturas, entre povos. Quando uma obra é escrita ela representa um homem que representa outros homens, uma língua que representa outras línguas. Por esse motivo que ela é uma forma única de conhecimento, por caber dentro de si um “patrimônio cultural, rico de gêneros e de práticas textuais e discursivas”. (MAIA, 2001, p. 26)

Percebemos que a maioria de nós professores entende todo esse manancial de possibilidades que o texto literário/poético suscita. O que se precisa urgentemente é a aplicabilidade de todo esse aparato teórico. E mais: o que se precisa, definitivamente, é a mudança de postura frente a esse texto e frente ao alunado.

Segundo as pesquisas de Maia (2001) que vimos anteriormente, no início do Cap. 2, o livro didático traz o texto poético como texto principal em um percentual de apenas 2%, o que indica que esse manual não é um bom parâmetro para darmos a ele certa exclusividade.

Há muitos autores de qualidade técnica legitimada que podem e devem ser apresentados às crianças/adolescentes, no que tange à poesia como, Fernanda Lopes de Almeida (1985, 1987), Cecília Meireles (1979), Nunes (1978), Canini (1989), Paes (1990), Furnari (1980), França & França (1979), Carrol (1969), Orthof (1982) dentre tantos outros, alguns mais famosos, outros nem tanto, mas com uma vasta lista de livros lançados como é o caso de Tenê (1978).

Ressaltamos que é imprescindível que o professor conheça o texto antes e tenha, de antemão, planejado as atividades, porque por mais que pareça fácil o manuseio com a poesia/texto literário, o seu uso é que vai determinar a empatia ou não do aluno para com o texto: “o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura”. (PCN, 1997, p. 43)

Para um máximo aproveitamento do texto poético em sala, e levando em consideração o deliberado por Pinheiro (2002) topicalizamos os seguintes passos:

1) Em primeiro lugar, como já mencionamos, precisa estar evidente a sensibilidade do docente em relação à poesia: gostar, ler, indicar, provocar, parece simples mas requer um auto monitoramento, o que talvez dificulte um pouco;

2) Apresentar textos de boa qualidade para os alunos (também obras que sejam do interesse do aluno) a partir da leitura do professor para uma inicial sensibilização. Quanto mais empolgada e verdadeira for essa leitura, mais chamará a atenção e conseqüentemente o estimulará a espelhar sua leitura na do docente.

3) Iniciar o aluno no corpo da poesia, ou seja, no seu trato melódico para o domínio das sonoridades, do ritmo, da cadência, das figuras de linguagem, sem precisar especificar que o são. Futuramente é que o professor alerta o aluno para as devidas nomenclaturas;

4) Depois de percebidas as sonoridades do texto, o docente pode explorar a essência do texto, para a expansão da criança a partir da palavra. Quanto mais o professor permitir que o aluno se expresse, mais chances ele terá de se apoderar do próprio discurso e do discurso do outro;

5) Após o conhecimento do texto, de sua estrutura e temática, o docente pode experimentar as várias leituras do texto, como a leitura silenciosa, a leitura em voz alta, a leitura em grupo ou a leitura em coro por parte dos alunos. Sugerimos que a leitura em voz alta seja privilegiada, porém não a única, pois há alunos que num primeiro momento, por serem tímidos, não se sentirão à vontade para fazê-la.

6) Após as leituras, o docente pode propor algumas atividades escritas, ex:

- A paráfrase ou a paródia, que são formas de reescrever o poema, deixando claro para o aluno e para leitor qual é o poema-origem;
- Exercícios com a disposição gráfica do poema, sempre aludindo ao assunto do mesmo;
- A musicalização do poema: o professor pode trazer as cantigas de roda que a maioria conhece e adaptar o poema àquela melodia;
- Exercícios com a ilustração do poema: o docente pode suprimir a ilustração do poema quando de sua leitura e pedir aos alunos para criarem uma outra ilustração.

Posteriormente, é importante que os trabalhos dos alunos sejam expostos para a contemplação do outro, pois como aponta Sorrenti (2013, p. 150) “a poesia ganha um novo alento, quando sai do caderno da criança e do adolescente e se coloca à disposição para ser lida e apreciada” porque de acordo com Azevedo (2004) o que queremos de fato é que,

crianças na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; têm sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; têm dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; têm dificuldades em separar realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. Em suma, são essencialmente seres humanos.

É esse o grande motivo de privilegiarmos o texto poético e mais ainda a poesia de Manoel de Barros: a educação do ser humano. Mas, antes de propormos as oficinas com o texto poético de Manoel de Barros, interessante é conhecer um pouco da vida e das obras desse grande escritor.

4 POESIA: LUGAR DE SER INÚTIL

“Há várias maneiras sérias de não dizer nada
mas só a poesia é verdadeira”.
Manoel de Barros, LSN, p.43

A arte de escrever para Manoel de Barros é uma forma de voltar ao primitivo da palavra, à fonte de sua elocução, ao início da construção verbal, então, ao início do mundo. Ele estava sempre à disposição da poesia para pegar verso no ar. Manoel encerrava-se

no seu “escritório de ser inútil” e ali, como um funcionário a serviço da palavra poética formatava um “idioleto manotelês” disponível a crianças, loucos, bêbados, a bocós e idiotas. Assim, ele criou versos que aumentaram o mundo.

Para o poeta poesia é “voar fora da asa” (LI, p. 13), é a virtude do inútil, é o belo trabalhado, é uma imagem impressa. A palavra poética descobre e não descreve, tendo em vista que o descrever apequena a vida e afugenta a imaginação. Verso é palavra trabalhada na artesanaria cotidiana, ensaiada “até vir sangue no órgão” (APA, p. 18)

Poesia, *s.f*

Raiz de água larga no rosto da noite
Produto de uma pessoa inclinada a antro
Remanso que um riacho faz sob o caule da manhã
Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas de um homem
Designa também a armação de objetos lúdicos
com empregos de palavras imagens cores sons etc.
geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas
loucos e bêbados.
(MB, APA, p. 19)

É assim que o autor concebe seu esgar poético fazendo-nos perceber que a natureza comungada com o homem produz material manifesto à poesia. O encarregado por essa produção, o poeta, é nutrido assim por Manoel,

Poeta, *s.m e f*

Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu
Espécie de um vazadouro para contradições
Sabia com trevas
Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto
(MB, APA, p. 20)

O universo absurdo, mas ao mesmo tempo palpável criado pela palavra barrense, nos dá a sensação de horizonte esticado, de céu engolido e de noite infinita. A palavra quando germina arreganha o mundo ao seu bel-prazer e é aí que fica escondida a força inventiva de Manoel, nas entranhas da terra. Todos os sentidos são despertados, enfim, num frenesi que subverte a lógica e capta a essência criadora, seu devir estético.

Quando Manoel de Barros solta o quintal e o terreno baldio que tem dentro de sua cabeça, as coisas deixam de sê-las e transformam-se em outras, agora “olhadas de azul” (LI, p. 12) ou vistas a partir de uma tarde competente a dalias. Por isso que quem se aventura pela poética de Manoel de Barros não vai poder encontrar razão nela, porque poesia é para incorporar, não para entender, o poeta só queria dar-lhe encantamento. Poesia não é para servir a alguma coisa, não é objeto utilitário, “a poesia é antes de tudo um inutensílio” (APA, p. 11).

É sabido pelo poeta que quanto mais enlouquecemos a palavra, quanto mais a tiramos do seu lugar comum mais ela acorda feita para poesia, acorda desacostumada. E verso desacostumado varia para passarinho, ou para caracol, até para rã. Manoel fala às coisas, e as coisas são Manoel,

Quando um rio está começando um peixe
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.
(MB, LI, p. 33)

A Natureza metamorfoseia-se em palavra-poeta porque cheia de ocasos. Nas palavras de Suttana (2009, p. 51) “para o poeta, a natureza é ponto de origem e meta a ser alcançada pelo poema. As imagens de uma natureza genesiaca, promiscua e fecunda, invadem o poema - como as águas de uma enchente -, paralisando as operações normais da palavra e fazendo apodrecer para a poesia”.

O “transver” está ligado ao sonho, à imaginação criadora, ao olhar primevo, à virtude da origem. O poeta diverte-se com a novidade, com o pitoresco e com o inesperado que daí advém. O devanear é mais profundo quanto mais profundo enxergamos o ser, a ponto dele libertar-se do seu próprio nome. Por sua vez, poeta e coisa se misturam numa dança cósmica da criação e permitem-se imbricar no êxtase da palavra.

A poesia de Manoel sofre de uma esclerose múltipla dos tecidos inteligíveis. Como é uma predisposição completamente invasiva atinge todas as fibras do corpo que são encabrestadas pela lógica e pelo bom senso. Nada de existências fatigadas de clichês, o verso barreano é armado de rasurações de chão, “o chão viça de homem no olho do pássaro” (GEC, p. 15). O poeta escancara sua vontade de usar a palavra para orquestrar seus silêncios

“Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos...
(MB, GEC, p. 15).

5 O DESLIMITE DAS PALAVRAS NAS OFICINAS POÉTICAS

As propostas apresentadas nesse texto terão por base 2 textos de Manoel escolhidos por nós, a saber: “Eu sou da invencionática”, e “Ensaio de fotografia”.

Oficina 01 – 6º II - Eu sou da invencionática

No momento inicial, questionamos os alunos sobre o que seriam “coisas importantes” e “coisas desimportantes” para eles. As respostas mais inusitadas foram surgindo. Para “coisas importantes” os alunos disseram: “família”, “mãe”, “amor”, “atenção”, “união”, “afeto”, “amizade” dentre outros e para “coisas desimportantes” eles apontaram: “violência”, “desunião”, “corrupção”, “pai”, “Brasil”, “brigas” dentre outros.

Após esse momento, distribuimos o poema “O apanhador de desperdícios” para eles fazerem a leitura silenciosa. Ainda lemos o poema em voz alta dando bastante ênfase interpretativa.

Depois que ouviram o poema, um dos alunos se pronunciou:

Aluno 1: - *Como é que pode ele gostar só dos restos, professora?*

E antes que eu respondesse, um outro aluno pontuou:

Aluno 2: - *Porque ele é poeta.*

Podemos inferir que os alunos, já nessa 2ª oficina (para o 6º ano II), estão entendendo a que fim se destina a poesia: para criar, para desfrutar, para aumentar o mundo com o que não existe. Pedimos, então, que eles escolhessem 3 objetos que consideram “desimportantes” e dessem outra função para eles, diferente das funções cotidianas assumidas. Por exemplo: “um pregador que amarra raciocínio”, “um pente que desembaraça dor de amor” e etc. O resultado desta oficina pode ser observado abaixo:

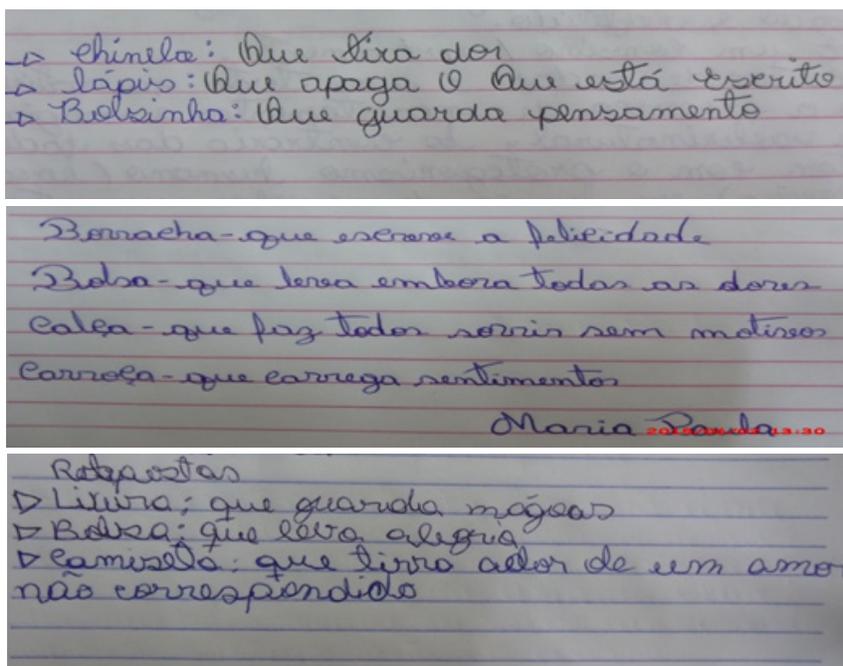


Imagem 1, 2 e 3: Frases feitas pelos alunos na Oficina 1

Ficamos muito satisfeitos com o material recolhido nesta oficina, dado que os alunos sentiram-se à vontade para a criação poética e, em nenhum momento, reclamaram ou entenderam a atividade como obrigação. Ao final, queriam compartilhar os seus “desobjetos” com toda a turma. Os mais tímidos não quiseram ler, porém nos pediram para fazer a leitura para os outros alunos. Foi uma troca riquíssima de sensações, de percepções e de entendimento sobre o “objeto poético”.

Oficina 02 – 6º I – Ensaçando a fotografia

Perguntamos, de início, que objetos podem ser fotografados por uma máquina fotográfica. Os alunos responderam: pessoas, eventos, animais, paisagens, objetos dentre outros.

Depois, perguntamos se as coisas que não podem ser vistas podem ser captadas pelas lentes de uma câmera. Um aluno apontou:

Aluno: Só se for por uma lente mágica, professora!

E outro complementou: Pelas lentes da poesia.

Após esse momento de pré-leitura, fizemos a leitura do poema “O fotógrafo”. Enquanto líamos, os alunos iam fazendo uma expressão um tanto de incredulidade, sem entender como o tal fotógrafo poderia tirar uma foto do “silêncio” até que chegamos no verso “*la o Silêncio pela rua carregando um bêbado*”. Um aluno se pronunciou:

Aluno: Ai, professora, como é que pode o silêncio carregar alguém?

E uma aluna acrescentou: Ele estava sendo carregado pelo silêncio porque só tinha isso (o silêncio).

Quando pensamos que já nos surpreendemos com os alunos, eles levantam questões, que nos deixam perplexos com tamanho entendimento.

Em seguida, pedimos que eles pensassem em 3 objetos, invisíveis aos olhos (chamados por Manoel de “desobjetos”), que eles podem fotografar.

Então, desenhariam no caderno a representação que cada um pode ter em forma de ilustração. E os produtos poéticos ficaram assim:



Imagens 1, 2, 3 e 4: Desenhos feitos pelos alunos na Oficina 2

Como verdadeiros fotógrafos poéticos, os discentes conceberam as suas ilustrações como autênticos símbolos dos “desobjetos” que escolheram. Gratificante perceber que eles sentem-se, realmente, muito íntimos da poesia, como se ela fosse linguagem de criança desde sempre e/ou como se a criança fosse sua legítima representante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valorizamos a leitura e a escrita nas atividades propostas, o encantamento e a descoberta da obra de Manoel de Barros, a resignificação dos textos do poeta, a pluralidade de sentidos, o “voou fora da asa” e demos vez e voz às falas das crianças, ao que estavam sentindo, às suas impressões e se estavam gostando ou não, logrando os outros dois objetivos propostos. Frisamos o interesse de cada uma delas em participar das oficinas. Nenhuma deixou de colaborar com o que era pedido ou questionado nem de interagir quando lhes era solicitado. As aulas ficavam até mais leves quando era dia de oficina poética.

Que as oficinas possam ser ampliadas/modificadas com a criatividade e predisposição dos professores em alterar o que for preciso para moldá-las às particularidades de cada turma numa perspectiva de deleite poético e encantamento do mundo literário. Está nas mãos do professor/mediador ressignificar sua prática docente e a forma como dispõe do texto literário/poético, afinal ele é o espelho no qual os alunos vão se espelhar, ele é o grande mentor de sua sala de aula.

Enquanto aos alunos, estes saíram dessas oficinas poéticas engrandecidos de mundo, de palavras, de seres, de possibilidades com a palavra poética de Manoel de Barros e nós, professores, com as melhores expectativas em relação ao trabalho com a poesia em sala de aula. Fácil não foi e não é, porém requer uma saída da zona de conforto, de gosto pelo gênero literário em questão e de técnicas eficazes que levam em consideração o fruir, o prazer e a compreensão estética como aspectos privilegiados em detrimento da gramática e da análise linguística. As oficinas descritas nesta dissertação podem servir de modelo para o trabalho com qualquer poema, basta que o docente se preocupe em fazer do aluno um competente leitor literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERBUCK, L. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. de. (Org.) **Caminhos para a formação do leitor**. 1.ed. São Paulo: DCL, 2004

AZEVEDO, F. (coord.) **Língua materna e literatura infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico**. Lisboa: Lidel, 2006

BARROS, M. de. **Biblioteca Manoel de Barros (coleção)**. São Paulo: Editora Leya, 2013.

_____. *Gramática expositiva do chão: vol. e (GEC)*

_____. *Arranjos para assobio: vol.g (APA)*

_____. *O livro das ignorâncias: vol. I (LI)*

_____. *Livro sobre nada: vol. m (LSN)*

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF,1998.

MAIA, A. M. dos S. **O texto poético: leitura na escola**. Maceió: EDUFAL, 2001.

MIGUEZ, F. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Ediouro Gráfica, 2010.

SORRENTI, N. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Col. Formação humana na escola)

SUTTANA, R. **Uma poética do deslimite**: poema e imagem na obra de Manoel de Barros. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PONTES, V.M.de A. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil**. Curitiba: CRV,2012.

PONTES, V. M. A.; SILVA, L. G. S.; BATISTA, M. C. S. (Org.) **Trilhas pedagógicas**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**